



Direito Aberto

Mário Melo Rocha

Head Department do Departamento de Direito do Ambiente da SRS Advogados

Colaboração com a:



Fontes de inspiração, fontes de desenvolvimento

A água e o mar foram sempre, no nosso caso enquanto povo, fontes de inspiração. Eugénio de Andrade deixou quase tudo o que era importante e tudo o que era essencial na língua despojada que tratou como ninguém no século XX português. Nesse todo, a água era matriz de vida e elemento incontornável da sua poesia. Ela aparecia nele como é na sua origem: límpida, cristalina e transparente. Na sua fluidez, representou o que ele foi capaz de crismar como 'rente ao dizer'. Outros, igualmente notáveis, elegeram o sal português e disseram na síntese perfeita que 'da minha língua vê-se o mar', como Vergílio Ferreira quis e soube dizer assim. A água atingiu também o patamar do trágico, fosse num registo colectivo – 'quanto do teu sal são lá-

grimas de Portugal' -, fosse num registo privado, mas assunto do Reino – os riachos escondidos dos amores desfeitos de Pedro e Inez, mais as lágrimas da Quinta que os viu e que os perdeu. A água tocou, por isto mesmo, o destino, envolveu-se com ele, beijou-o e determinou-o para os momentos da máxima plenitude e das máximas tragédias. Na língua e na cultura portuguesas. A água e o mar foram também fontes de inspiração enquanto meios de vida, de vidas longínquas, miscenizadas, tocadas por outros saberes e trocadas por outros lugares. Albergadas nos pecúlios sonhados, individualmente e pelo Reino, até aí pequeno de mais para ser rico, mas grande de mais para se inventar fora de portas. Depois, muito depois, a água e o mar foram amainando,

sosegando e desinteressando. Aqui ao lado não se viam, porque não se olhavam. Como se estivessem estado sempre lá e como se estivessem sempre à mão.

Agora é tempo de voltar a olhar para a água e para o mar. Como fontes de inspiração sempre que se quiser, mas preferencialmente nos intervalos de os vermos como fontes de desenvolvimento. Foi isto que se quis fazer despoletar por estes dias no 'Fórum do Mar'. Aí se juntaram as universidades, as agências, as empresas, os *clusters* do mar, todos os que na água e no mar reparam como elementos naturais que ultrapassam as meras plataformas comerciais para se traduzirem em elementos potenciadores do desenvolvimento. Desde logo o desenvolvi-

mento energético, seja no que toca à energia das ondas (a que Sophia chamaria 'um projecto que, sem cessar, de novo tentaremos'), seja no que se refere às eólicas *offshore*, realidade em vias de um enorme potencial de crescimento. No fundo, do que se trata é de ultrapassarmos a visão do mar como albergando comércio para o vermos como potenciando oportunidades de desenvolvimento. Muitas e todas boas. Porque se trata de proteger o ambiente e dessa protecção extrair potenciais de desenvolvimento formidáveis. Para nós portugueses vem a ser a possibilidade de voltarmos ao mar para voltarmos a ser pioneiros. Pelo prazer de sermos primeiros. E para agradecermos a dádiva de nos terem plantado aqui. Ao lado da água. Ao lado do mar.